

CAP VI
1958

Cristelo, Barcelos, 25/9/958

Exmo. e Revmo. Senhor D. António Ferreira Gomes,
Venerando Bispo do Porto.

Mão amiga enviou-me cópia da carta de V. Ex.ª Revma. a Sua Ex.ª o Senhor Presidente do Conselho.

Depois de a ler, resolvi manifestar a V. Ex.ª Revma. a minha alegria por tão «cristão atrevimento», acrescentando, porém, que em minha opinião foi tempo perdido tê-la enviado.

Mudei agora de pensar, depois da leitura do panfleto que escreveu, a despropósito, o Sr. Dr. Manuel Anselmo.

Realmente, valeu a pena!

E valeu-a sobretudo, para trazer um pouco de mais à luz do dia até que ponto urge pregar e ensinar o Evangelho aos estômagos cheios, uma vez que é anti-nacional e subversivo (além de ser inútil) pregá-lo a estômagos vazios.

Eu sei, Senhor Bispo, por dolorosa experiência, o que é a dor de ver católicos com responsabilidades acusar Padres e Bispos de políticas subversivas, anti-nacionais e até infiéis à Fé Cristã, só pelo facto de ensinarem, sem reticências, o Evangelho. Dor, tanto mais profunda por nascer da angustiada verificação de nos encontrarmos hoje perante uma religião muito igual àquela que, para defender a Honra de Deus e o prestígio de César, pediu a morte de Jesus como blasfemo por um lado (Mat., 26, 65 — Marc., 14, 64 — Luc., 24, 70), como revolucionário e subversivo (Luc., 23, 14), malfeitor (Joa., 23, 30) e inimigo de César (Joa., 14, 12) por outro! E o paralelo é tanto mais inquietante, quanto mais parecidos são com a atitude de Caifás, a rasgar os seus vestidos, as lágrimas que choram sobre o nosso «desvio» e, com o Zelo em defender o Imperador Romano, no tribunal de Pilatos, os gritos de defesa de quem de semelhantes advogados não deveria precisar.

Dor, não por nós, pois nos contenta e recompensa a palavra de Jesus! «O discípulo não é mais do que o Mestre e o criado não mais do que o patrão. Basta ao discípulo ser tratado como o seu Mestre e o criado não mais do que o patrão; se ao

Chefe de Família chamaram Belzebut, quanto mais não o farão aos da sua casa!» (Mat., 10, 24 e 25).

Dor, por eles e pelas futuras gerações.

Lembro-me de, há uns dez anos, ter recebido uma carta de um dos então responsáveis máximos da União Nacional, que gentilmente me advertia do perigo que a Igreja corria se continuássemos a pôr objecções doutrinárias à organização corporativa portuguesa. E dizia esse amigo — pois continuamos a sê-lo, apesar das nossas fundamentais divergências — que, com a nossa atitude, estávamos a fazer o jogo dos comunistas (eles poderão melhor dizer quem é que o está fazendo) e acrescentava: «mas quando as igrejas arderem e a carne dos Padres rechinar é que se verá quanta razão nos assiste na nossa doutrina e nossa actuação». Permitti-me responder, devolvendo-lhe o argumento: «Mas quando as igrejas arderem e a carne dos padres rechinar, é que verá então como vocês todos podem limpar as mãos à parede pelo lindo futuro que estão preparando».

A mim parece-me, com efeito, que há razões de sobra para pôr em causa a bondade de uma árvore cujos frutos derraideiros, na própria e insistente confissão dos que a plantaram e tão raivosamente a cultivam, serão o incêndio, o assassinio, a perseguição à Igreja e a catástrofe final de uma Pátria gloriosa. A história ensina-nos que os frutos da Evangelização são outros. E, se para sermos bons patriotas, temos de anunciar um Evangelho que precisa da força das armas para não redundar em catástrofe nacional, então teremos que responder com S. Paulo, que pregamos o Evangelho de Jesus que «se alguém nos anunciasse um Evangelho diferente daquele que recebestes, esse seja repellido» (Gal., 1, 6).

É por isso que cada vez mais me convenço da urgente necessidade que temos de ensinar o autêntico Evangelho, em primeiro lugar aos intelectuais que se julgam católicos, mas infelizmente não são. Não vê, com efeito, V. Ex.^o Revma., como a pregação integral da doutrina secular da Igreja molesta e descontenta tantos que se julgam — quem sabe se sinceramente? — defensores da mesma Igreja e das suas liber-

dades? Tantos que se ufanam de defender as costas aos Padres e aos Bispos, tantos que, a todos os cantos proclamam que, sem eles, regressaríamos às perseguições religiosas?

Se estes não aguentam a pregação do Evangelho e nos acusam de insensatos e de imprudentes quando o fazemos, que conclusão tirar, senão a de que o desconhecem e, portanto, o não vivem?

Bem sei que esta linguagem — como a de V. Ex.^a Revma. — escandaliza aqueles que nos vêm dar, conselheiralmente, lições de evangelização e de prudência, do alto das suas altíssimas cátedras. Esses todos, se fossem realmente cristãos, haveriam de saber que «a Deus aprouve salvar os crentes pela loucura da Sua mensagem (1 Cor. 1, 21) e que «a prudência dos prudentes Deus a reprovará» (Is., 29, 14).

Desculpe-me Ex.^a Revma. esta larga carta que pretende ser mais uma voz que se ergue a pedir que não desfaleça no caminho da evangelização que tão apostolicamente encetou. É que, enquanto houver católicos a chamar loucos e imprudentes aos pregadores do Evangelho, necessidade dobrada haverá de mais e mais insistir neles. Com efeito, apesar de não ser mais do que um humilde Padre, tenho sempre presente o que S. Paulo escreveu a Timóteo: «Eu te esconjuro diante de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo que deve julgar os vivos e os mortos; eu te abjuro em nome da Sua aparição e do Seu Reino; prega a Palavra, insiste oportuna e importunamente, corrige, ameaça, exorta, mas sempre com paciência e sem cessar de instruir, porque um tempo virá em que os homens não suportarão mais a sã doutrina da salvação... mas fecharão os ouvidos à verdade e se precipitarão sobre fábulas» (II Tim., 4, 2). E é triste que, para defender tais fábulas, sintam necessidade de ofender Bispos.

Peço licença para, respeitosa e devotadamente, me subcrever com a maior veneração.

*De V. Ex.^a Revma.
Servo no Senhor*

PADRE ABEL VARZIM